

BOLETIM

Hortigranjeiro

VOLUME 12. Número 2. Fevereiro de 2026



Conab Companhia Nacional de Abastecimento

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento

João Edegar Pretto

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretor-Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Arnoldo Anacleto de Campos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Silvio Isoppo Porto

Superintendente de Gestão da Oferta (Sugof)

Candice Mello Romero Santos

Gerente de Produtos Hortigranjeiros (Gehor)

Flávia Machado Starling Soares

Equipe Técnica do Boletim

Aníbal Teixeira Fontes

Fernando Chaves Almeida Portela

Juliana Martins Torres

Newton Araújo Silva Junior

Sabrina Lima de Assis

Copyright © 2026 - Companhia Nacional de Abastecimento - Conab

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Depósito Legal junto à Biblioteca Josué de Castro

Disponível em: www.conab.gov.br

ISSN 2445-5860

Supervisão:

Candice Mello Romero Santos

Coordenação Técnica:

Flávia Machado Starling Soares

Responsáveis Técnicos:

Aníbal Teixeira Fontes

Fernando Chaves Almeida Portela

Juliana Martins Torres

Newton Araújo Silva Junior

Sabrina Lima de Assis

Colaboradores: Centrais de Abastecimento do Brasil - CEASAS Associação Brasileira das Centrais de Abastecimento - ABRACEN

Editoração e layout: Superintendência de Marketing e Comunicação - Sumac / Gerência de Eventos e Promoção Institucional - Gepin

Fotos: Alexander Lesnitsky, Ernesto Rodriguez, Holger Grybsch, Varintorn Katawong, Robert Owen Wahl, Capri23auto, Obodai26, PublicDomainPictures, Bru-nO, FruitnMore por Pixabay

Normalização:

Thelma Das Graças Fernandes Sousa CRB-1/1843

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Boletim Hortigranjeiro**, Brasília - DF, v. 12, n. 01, janeiro, 2026.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737b Companhia Nacional de Abastecimento.
Boletim Hortigranjeiro / Companhia Nacional de Abastecimento.
- v.1, n.1 (2015-). - Brasília : Conab, 2015-
v.
Mensal
Disponível em: www.conab.gov.br.
ISSN: 2446-5860
1. Produto Hortigranjeiro. 2. Produção Agrícola. I. Título.

CDU 633/636(05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/184

SUMÁRIO

Apresentação	05
Análise das Hortaliças	06
Alface	07
Batata.....	09
Cebola.....	11
Cenoura	13
Tomate	15
Análise das Frutas	17
Banana	18
Laranja	20
Maçã	22
Mamão	24
Melancia	26
Mercado Internacional de Hortigranjeiros	28
Destaques das Centrais de Abastecimento	30

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) publica, neste mês de fevereiro, o Boletim Hortigranjeiro nº 2 – Volume 11, no âmbito do Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro (Prohort). A publicação analisa a comercialização de frutas e hortaliças nos principais entrepostos públicos do país, importantes canais de abastecimento de produtos in natura.

A análise mensal contempla os produtos com maior representatividade nas Centrais de Abastecimento (Ceasas) e maior peso no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA): alface, batata, cebola, cenoura, tomate, banana, laranja, maçã, mamão e melancia.

Os dados utilizados foram coletados nas Ceasas localizadas em São Paulo/SP, Belo Horizonte/MG, Rio de Janeiro/RJ, Campinas/SP, Vitória/ES, Curitiba/PR, Goiânia/GO, Florianópolis/SC, Recife/PE, Fortaleza/CE e Rio Branco/AC, que, em conjunto, concentram parcela expressiva da comercialização nacional de hortigranjeiros.

Além dos produtos analisados regularmente, o Boletim destaca outros itens relevantes para o consumo alimentar que apresentam variações significativas de preços, oferecendo alternativas aos consumidores e agentes de mercado. Nesta edição, a seção Destaques das Ceasas aborda o tema “Considerações sobre o uso da cadeia do frio em frutas e hortaliças no Brasil e as Ceasas como indutores desse processo de conservação”.

O Prohort, coordenado pela Conab, tem como pilares a coleta, sistematização e divulgação de informações de mercado, permitindo o acompanhamento de preços, volumes, origens, séries históricas e análises técnicas do setor hortigranjeiro. Os dados são coletados pelas Ceasas, validados pelos entrepostos e consolidados pela equipe técnica da Conab, sendo disponibilizados ao público no portal do Programa.

Os preços médios apresentados correspondem à média ponderada pela quantidade comercializada. Atualmente, a base de dados Conab/Prohort reúne informações de 117 frutas e 123 hortaliças, abrangendo mais de mil produtos considerando suas variedades.

ANÁLISE DAS HORTALIÇAS

O volume total de hortaliças comercializadas nas Ceasas analisadas manteve-se praticamente estável em janeiro em relação a dezembro de 2025, registrando leve recuo de 0,4%. Na comparação com janeiro de 2024, também houve pouca variação, com discreta alta de 0,8% no total comercializado.

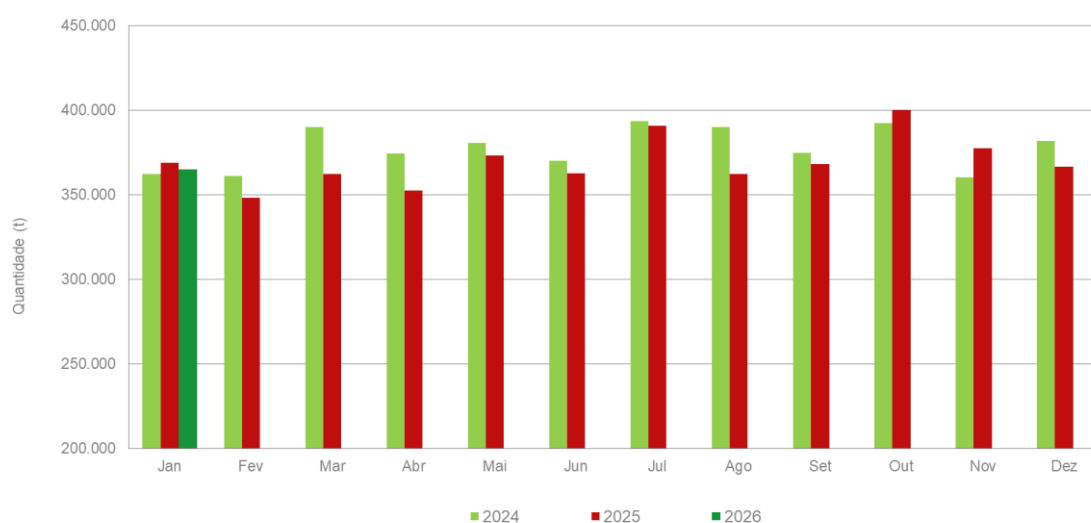
O grupo de hortaliças é composto por três subgrupos. O de maior representatividade — hortaliças raiz, bulbo, tubérculo e rizoma — responde por quase 60% do volume total e apresentou crescimento de 2,5% em janeiro frente a dezembro de 2025.

Dentro desse segmento, destacam-se a batata, que concentra quase 50% do volume comercializado, a cebola, com cerca de 20%, e a cenoura, com aproximadamente 10%.

Já o subgrupo hortaliças fruto registrou queda de 4,5% na comparação com dezembro de 2025. O tomate é o principal produto desse segmento, representando cerca de 45% do total comercializado.

Por sua vez, o subgrupo hortaliças folha, flor e haste apresentou retração de 3,1%. Embora seja o de menor volume dentro do grupo de hortaliças, reúne produtos de grande relevância, como alface, brócolis, couve-flor e repolho. Este último responde por quase 50% do total comercializado no subgrupo.

Gráfico 1 — Quantidade de hortaliças comercializadas nas Ceasas em 2024, 2025 e 2026.



Fonte: Conab/Ceasas



ALFACE

A alface voltou a registrar alta em janeiro, desta vez de forma expressiva e bem mais intensa do que a observada em dezembro de 2025. Na média ponderada, os preços subiram 36,56% em janeiro, frente a um avanço bem mais moderado de 3,49% no mês anterior. O movimento de alta foi particularmente acentuado em São Paulo. Na Ceagesp da Capital, a elevação alcançou 53,37%, enquanto na unidade de Campinas o aumento foi de 42,55%. Já na Ceasaminas – Belo Horizonte, a cotação apresentou alta de 23,33%.

O cenário observado em dezembro repetiu-se em janeiro: as chuvas nas regiões produtoras, ao mesmo tempo em que dificultaram a colheita e provocaram perdas no campo, também comprometeram a qualidade e reduziram a vida útil das hortaliças folhosas, especialmente da alface. Além disso, o excesso de precipitações restringiu novos plantios, influenciando a oferta nas semanas seguintes. Somou-se a esse quadro o aumento da demanda, impulsionado pelo calor típico desta época do ano, que também exerceu pressão sobre os preços.

A oferta total nas Ceasas registrou incremento de apenas 3%, percentual insuficiente para conter a alta das cotações diante de uma procura mais aquecida. Vale destacar que a produção de alface costuma se concentrar próxima aos grandes centros consumidores, o que resulta em dinâmicas específicas de preços em cada mercado.

Gráfico 2 — Preços médios (R\$/Kg) da alface nos entrepostos selecionados.

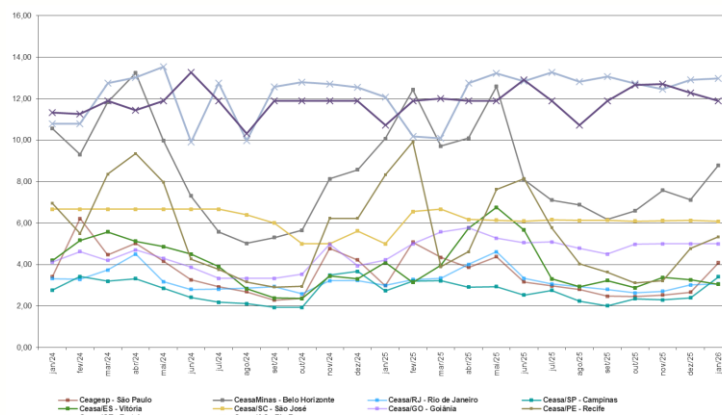
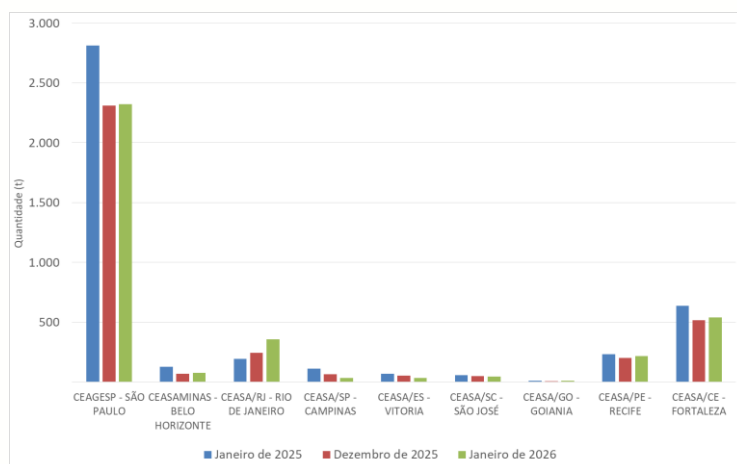


Gráfico 3 — Quantidade de alface comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre janeiro de 2025, dezembro de 2025 e janeiro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Figura 1 — Principais microrregiões do país que forneceram alface para as Ceasas em janeiro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 1 — Quantidade ofertada de alface para as Ceasas por unidade de federação em janeiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SP	2.354.861
CE	539.390
RJ	361.389
PE	217.269
MG	77.468
SC	46.751
ES	36.393
GO	13.003
RS	1.187
AC	1.053
PR	298
Soma	3.649.062

Microrregião	Quantidade Kg
PIEDADE-SP	1.909.197
IBIAPABA-CE	441.900
SERRANA-RJ	351.141
ITAPECERICA DA SERRA-SP	216.682
VITÓRIA DE SANTO ANTÃO-PE	216.013
MOGI DAS CRUZES-SP	137.240
NOVA FRIBURGO-RJ	101.940
BATURITÉ-CE	61.700
GUARULHOS-SP	53.836
BELO HORIZONTE-MG	43.667
SANTA TERESA-ES	29.710
FLORIANÓPOLIS-SC	27.734
BARBACENA-MG	21.037
AMPARO-SP	16.050
TRÊS RIOS-RJ	14.508
SERTÃO QUIXERAMOBIM-CE	12.080
BRAGANÇA PAULISTA-SP	11.301
TABULEIRO-SC	10.742
GOIÂNIA-GO	10.675
ITAPIPOCA-CE	10.000

Em janeiro, o abastecimento das Ceasas analisadas foi realizado quase integralmente por produtores do próprio estado, com participação sempre superior a 95% do volume total comercializado.

A produção de alface é bem concentrada, sendo que em janeiro/2026 sete microrregiões corresponderam à 91% da produção nacional. Somente Piedade em São Paulo foi responsável por 51,63% de toda alface comercializado nas Ceasas no mês em análise.

Em fevereiro, todas as variáveis observadas em dezembro e janeiro permaneceram presentes, o que tendeu a continuar influenciando tanto a oferta quanto o consumo e, conseqüentemente, a manter a pressão sobre os preços. Nesse contexto, as cotações seguiram em elevação. Na capital paulista, a alta foi de 12%; em Brasília/DF, o incremento chegou a 52%; e na Ceasaminas – Belo Horizonte, o avanço foi de 35%.



BATATA

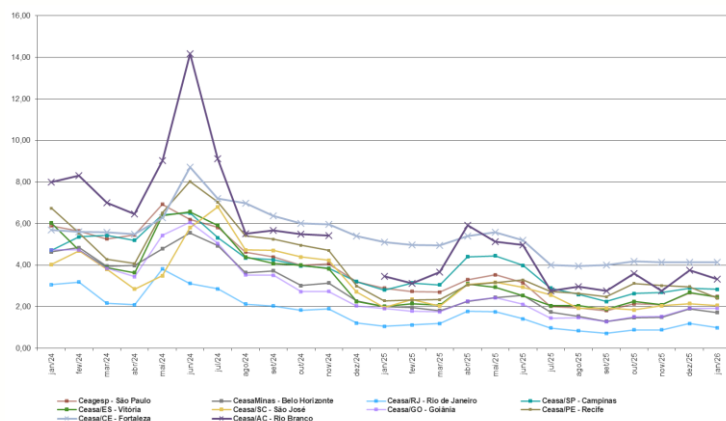
Registrou-se queda no preço da batata na maioria das Ceasas analisadas. Na média ponderada entre as unidades, a variação foi negativa em 11,75% em relação à média de dezembro de 2025, com as maiores reduções observadas na Ceasa/PE – Recife (-18,83%) e na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (-16,80%). Já na Ceasa/GO – Goiânia e na Ceasa/CE – Fortaleza, os preços permaneceram estáveis.

Ressalta-se que o nível atual de preços continuou baixo, mesmo após a alta registrada em dezembro de 2025 (+23,50%). Nesta época do ano, a maior oferta do produto, impulsionada pela safra das águas, contribui para o abastecimento do mercado e para a manutenção das cotações em patamar reduzido.

A oferta esteve concentrada na Região Sul do País, com destaque para o Paraná. No estado, a microrregião de Guarapuava apresentou a maior participação no volume disponibilizado. A safra paranaense foi praticamente concluída: segundo a Secretaria de Agricultura e do Abastecimento do Paraná, a colheita da safra 2025/26 alcançou 86% da área prevista. A produção estimada é de 555,1 mil toneladas, volume 5% inferior ao da safra 2024/25, porém 21% superior ao registrado em 2023/24.

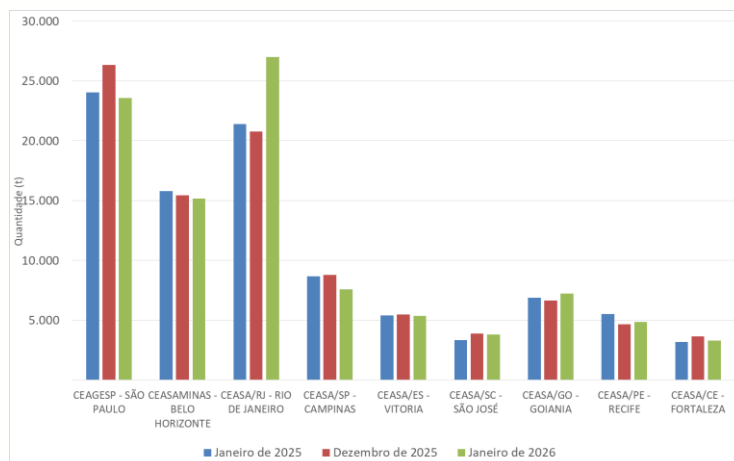
Em janeiro, o abastecimento das Ceasas foi garantido principalmente pelo Paraná, responsável por cerca de 40% do total ofertado, e por Minas Gerais, com aproximadamente 30%. Em território mineiro, as microrregiões de Pouso Alegre e Araxá destacaram-se como as principais fornecedoras, respondendo por cerca de 80% da oferta estadual. No Nordeste, a Bahia liderou a produção regional, com destaque para a microrregião de Seabra, especialmente os municípios de Mucugê (75% da oferta baiana) e Ibicoara (25%).

Gráfico 4— Preços médios (R\$/Kg) da batata nos entrepostos selecionados.



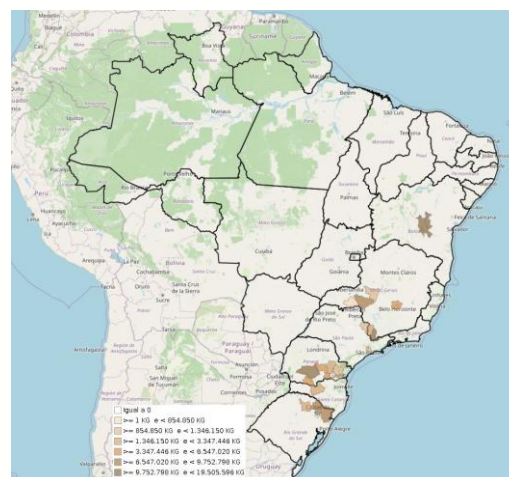
Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 5 — Quantidade de batata comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre janeiro de 2025, dezembro de 2025 e janeiro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Figura 2 — Principais microrregiões do país que forneceram batata para as Ceasas analisadas em janeiro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 2 — Quantidade ofertada de batata para as Ceasas por unidade de federação, janeiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
PR	38.991.440
MG	28.762.116
BA	15.302.150
RS	8.669.520
SP	3.391.058
SC	2.142.480
GO	302.600
SE	131.250
RJ	108.190
PA	60.000
PB	60.000
DF	20.000
AL	18.000
PE	9.400
ES	2.025
RN	1.500
Soma	97.971.729

Microrregião	Quantidade Kg
GUARAPUAVA-PR	19.505.595
SEABRA-BA	14.970.650
POUSO ALEGRE-MG	13.003.475
ARAXÁ-MG	8.990.275
VACARIA-RS	6.547.020
PALMAS-PR	6.050.755
SÃO MATEUS DO SUL-PR	4.747.790
PRUDENTÓPOLIS-PR	4.456.850
BELO HORIZONTE-MG	3.347.446
PASSO FUNDO-RS	2.037.325
POÇOS DE CALDAS-MG	2.020.250
JOAÇABA-SC	1.670.300
PONTA GROSSA-PR	1.346.150
CURITIBA-PR	1.272.125
SÃO JOÃO DA BOA VISTA-SP	1.214.000
SÃO PAULO-SP	879.042
PATOS DE MINAS-MG	854.850
LAPA-PR	637.800
UBERABA-MG	594.650
RIO NEGRO-PR	561.850

Fonte: Conab/Ceasas

A produção da Bahia abastece não apenas os mercados regionais, mas também Ceasas de outras regiões do País, com predominância da Ceasaminas – Belo Horizonte. Nessa central mineira, a oferta baiana representou, em janeiro, quase 20% do volume total comercializado.

Em janeiro/2026 observou-se maior comercialização em municípios do Paraná, Bahia, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, sendo as cinco maiores microrregiões produtoras nacionais (Guarapuava – PR, Seabra – BA, Pouso Alegre – MG, Araxá – MG e Vacaria – RS) responsáveis por 66,53% de tudo o que foi comercializado no país.

Com chuvas intensas e constantes nas principais regiões produtoras de Minas Gerais, verificou-se nas principais Ceasas do País, alta de preço, sobretudo pela diminuição de oferta, com o baixo ritmo de colheita. Exemplo é a Ceasaminas – Belo Horizonte cuja cotação saiu de R\$2,00/kg no final de janeiro, foi a R\$3,20 no dia 11. No dia 16/02 o preço recuou para R\$2,40/kg, porém ainda 20% acima da última cotação de janeiro.



CEBOLA

Registrou-se queda nos preços da cebola em janeiro. Na média ponderada das Ceasas analisadas, a retração foi de 11,01% em relação à média de dezembro de 2025. O movimento de baixa foi praticamente generalizado entre as Ceasas, com exceção da Ceasa/PE – Recife, onde houve estabilidade (variação de 0,42%). Nas demais unidades, as quedas oscilaram entre 2,12% na Ceasa/CE – Fortaleza e 25,25% na Ceasaminas – Belo Horizonte. Destaca-se que, de modo geral, a redução foi expressiva na maior parte dos mercados analisados, reforçando a tendência de recuo nas cotações ao longo do mês.

A comercialização de cebola nas Ceasas em janeiro foi fortemente impulsionada pela oferta proveniente de Santa Catarina, que cresceu 115% em relação a dezembro de 2025. Esse expressivo aumento elevou a movimentação para um dos maiores níveis da série recente, ficando atrás apenas de julho de 2025. Ainda assim, o volume total comercializado nas Ceasas avançou apenas 2% no mês, já que as remessas dos demais estados foram inferiores às registradas em dezembro.

A oferta catarinense respondeu por cerca de 70% do total negociado nas Ceasas, com predominância das microrregiões de Ituporanga e Rio do Sul. No campo, segundo a Epagri/SC, o produtor catarinense recebeu, em janeiro, em média, R\$ 15,71 por saco de 20 kg — valor 18,73% inferior ao de dezembro. A elevada disponibilidade do produto tem pressionado a rentabilidade, que segue negativa para o produtor. Esse cenário de ampla oferta interna reduz a necessidade de importações tanto no fim de 2025 quanto no início de 2026.

Gráfico 6 — Preços médios (R\$/Kg) da cebola nos entrepostos selecionados.

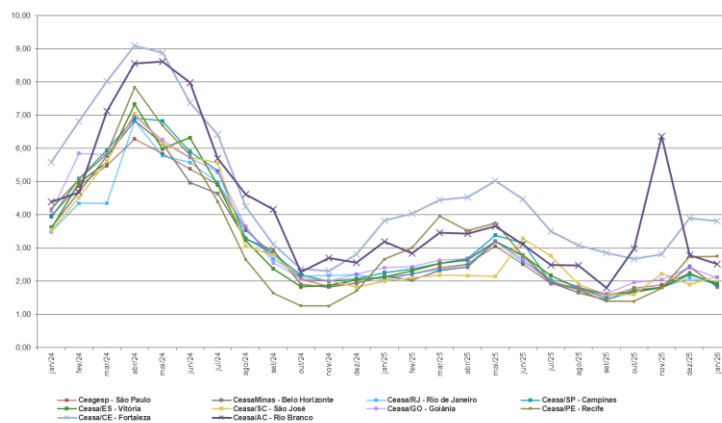


Gráfico 7 — Quantidade de cebola comercializada nos entrepostos no comparativo entre janeiro de 2025, dezembro de 2025 e janeiro de 2026.

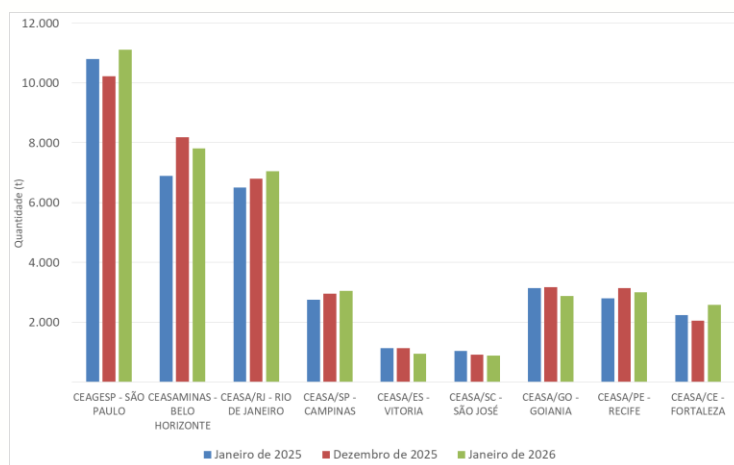


Figura 3 — Principais microrregiões do país que forneceram cebola para as Ceasas, em janeiro de 2026.

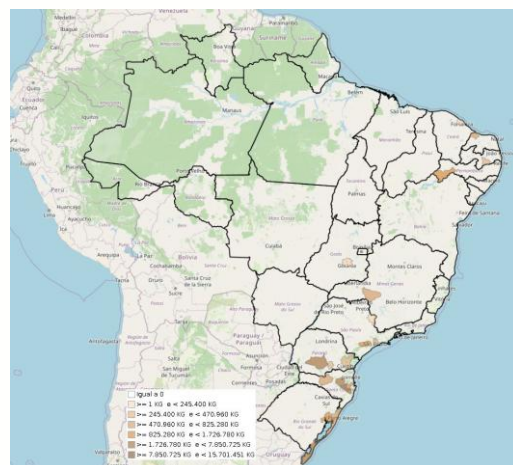


Tabela 3 — Quantidade ofertada de cebola para as Ceasas por unidade de federação, janeiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SC	26.872.356
RS	3.582.959
PR	2.397.120
SP	2.048.044
PE	1.537.600
MG	914.682
RN	733.800
BA	366.900
CE	300.560
PB	263.400
GO	235.060
ES	43.840
RJ	20.440
RO	4.750
PI	1.900
AL	1.000
Soma	39.324.411

Microrregião	Quantidade Kg
ITUPORANGA-SC	15.701.450
RIO DO SUL-SC	7.697.280
LITORAL LAGUNAR-RS	2.252.819
TABULEIRO-SC	1.894.170
GUARAPUAVA-PR	1.726.780
PETROLINA-PE	1.519.600
PIEDADE-SP	1.408.920
TIJUCAS-SC	1.171.170
PORTO ALEGRE-RS	825.280
MOSSORÓ-RN	733.800
JOAÇABA-SC	505.120
ARAXÁ-MG	487.340
OSÓRIO-RS	470.960
SÃO PAULO-SP	366.704
IRATI-PR	305.380
CURITIBA-PR	263.960
CARIRI ORIENTAL-PB	245.400
GOIÂNIA-GO	233.740
FORTALEZA-CE	206.000
SÃO JOÃO DA BOA VISTA-SP	145.000

Grande parte da safra da Região Sul, especialmente a de Santa Catarina, já foi colhida. Parte desse volume pode não ter sido direcionada imediatamente ao mercado, diante da expectativa de melhores preços, como estratégia para atenuar as perdas dos produtores. No entanto, já se observa certa perda de qualidade da cebola armazenada, fator que pode pressionar ainda mais as cotações para baixo.

Em Janeiro/2026 observou-se maior concentração na produção nos estados do Sul, sendo que as cinco principais microrregiões produtoras (Ituporanga – SC, Rio do Sul – SC, Litoral Lagunar – RS, Tabuleiro – SC e Guarapuava – PR), todas do Sul, responsáveis por 76,7% da comercialização do mês.

Até o momento, verificou-se estabilidade de preços na maioria das Ceasas. Na capital paulista, por exemplo, a cotação média permaneceu em R\$ 1,76/kg, mesmo patamar registrado em janeiro. Situação semelhante ocorreu na Ceasaminas – Belo Horizonte, onde o preço se manteve estável, em R\$ 1,75/kg.



CENOURA

Registrou-se nova alta de preços em janeiro. A média ponderada entre as Ceasas apresentou elevação de 8,55% na comparação com dezembro de 2025. Em algumas unidades, o avanço foi mais expressivo, com destaque para a Ceasa/AC – Rio Branco (+32,14%), a Ceasaminas – Belo Horizonte (+24,29%), a Ceasa/ES – Vitória (+18,37%) e a Ceasa/PE – Recife (+16,13%).

Apesar da alta mensal, os preços ainda permaneceram abaixo dos verificados em janeiro de 2025. A diferença negativa foi ainda mais acentuada quando comparada a janeiro de 2024, período marcado por cotações elevadas em decorrência dos impactos das chuvas intensas no fim de 2023. Na Ceagesp – São Paulo, por exemplo, os preços ficaram 24,5% inferiores aos de janeiro de 2025 e 61,2% abaixo dos registrados em janeiro de 2024.

A elevação dos preços em relação a dezembro esteve, muito provavelmente, associada à redução na oferta da raiz, que apresentou queda de 9%. Destacaram-se, nesse contexto, os menores envios provenientes de Goiás e da Bahia.

O maior produtor nacional, Minas Gerais, manteve sua oferta nos mesmos níveis de dezembro; contudo, a maior demanda de outros estados, como Goiás e Bahia, pressionou os preços para cima. A produção mineira respondeu por quase 50% do abastecimento das Ceasas, seguida por São Paulo (25%), Goiás (12%) e Bahia (apenas 5%).

Gráfico 08 — Preços médios (R\$/Kg) da cenoura nos entrepostos selecionados.

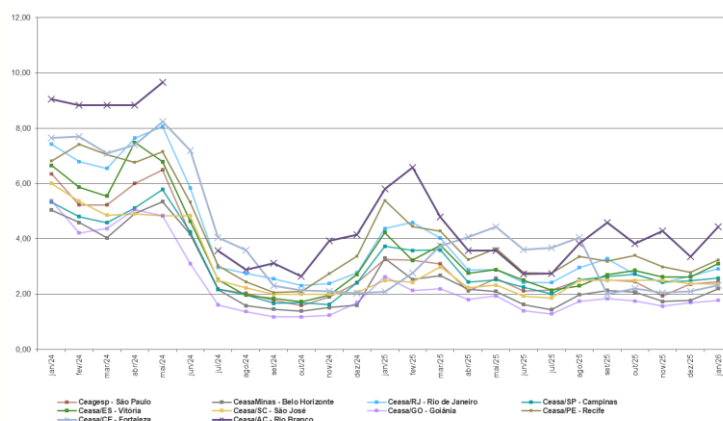


Gráfico 09 — Quantidade de cenoura comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre janeiro de 2025, dezembro de 2025 e janeiro de 2026.

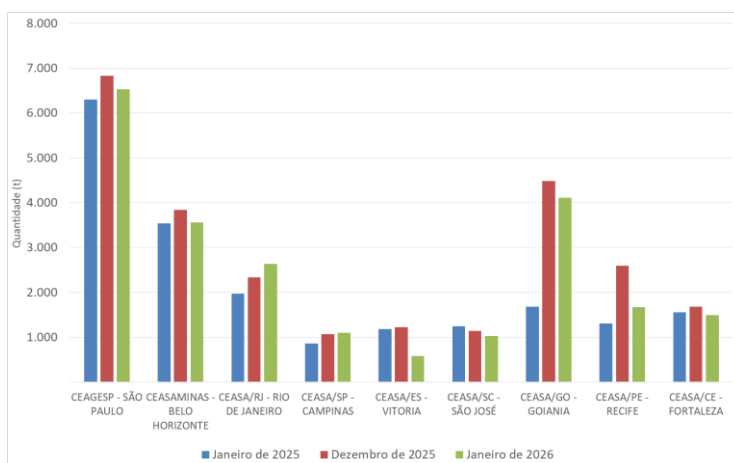


Figura 4— Principais microrregiões do país que forneceram cenoura neste Boletim, em janeiro de 2026.

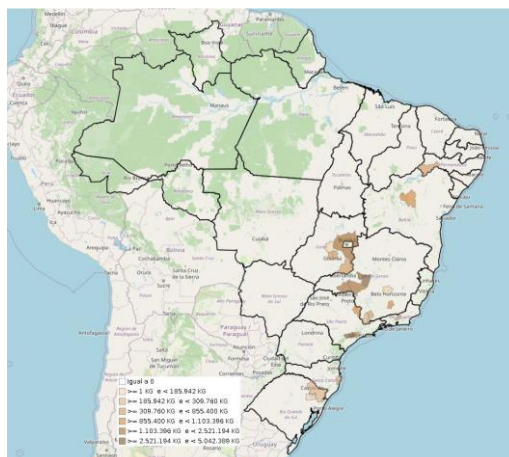


Tabela 4 — Quantidade ofertada de cenoura para as Ceasas por unidade de federação, janeiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
MG	9.943.681	PIEDADE-SP	5.042.388
SP	7.286.854	PATOS DE MINAS-MG	4.193.058
GO	2.582.275	UBERABA-MG	2.388.920
BA	953.400	ARAXÁ-MG	1.662.455
PE	553.220	ENTORNO DE BRASÍLIA-GO	1.103.396
SC	477.368	ITAPECERICA DA SERRA-SP	1.059.831
RS	409.680	SÃO JOÃO DA BOA VISTA-SP	999.838
RJ	332.360	BARBACENA-MG	997.860
ES	108.420	IRECÊ-BA	855.400
PA	35.000	GOIÂNIA-GO	755.219
CE	16.500	CATALÃO-GO	596.820
PB	10.800	PETROLINA-PE	497.900
NI	1.100	SANTA RITA DO SAPUCAÍ-MG	309.760
PR	500	SERRANA-RJ	297.030
Soma	22.711.158	VACARIA-RS	223.940
		POUSO ALEGRE-MG	222.200
		FLORIANÓPOLIS-SC	185.942
		CAXIAS DO SUL-RS	177.900
		ANÁPOLIS-GO	122.430
		BELO HORIZONTE-MG	121.578

A oferta da Bahia sofreu forte redução, de 45%, em função da deficiência de chuvas durante o plantio no final de 2025, que comprometeu a área cultivada, especialmente na microrregião de Irecê, nos municípios de Irecê e Canarana. De forma inversa, o plantio em Minas Gerais, São Paulo e Goiás foi impactado pelas chuvas típicas do período, ocorridas a partir de outubro/novembro de 2025.

Em relação às principais unidades da federação produtoras, Minas Gerais, São Paulo e Goiás respondem por 87,23% de toda a cenoura produzida no país. Destaque para os municípios Piedade – SP, Patos de Minas, Uberaba e Araxá em Minas Gerais.

A queda nos preços nas principais Ceasas pode refletir a qualidade insatisfatória da raiz. As chuvas constantes, embora reduzam a oferta ao dificultar a colheita e aumentar as perdas, também afetam diretamente a qualidade do produto, depreciando-o no mercado. Na Ceasaminas – Belo Horizonte, abastecida quase integralmente pela produção estadual, o preço médio em fevereiro registrou retração de 11%.



TOMATE

O preço do tomate registrou nova alta em janeiro. Na média ponderada, a cotação subiu 9,46% em relação à média de dezembro de 2025. Em três Ceasas — Goiânia/GO, Recife/PE e Fortaleza/CE — houve retração nos preços; no entanto, nas unidades que registraram elevação, os aumentos foram expressivos. Na Ceasaminas – Belo Horizonte, o preço avançou 71,70%; na Ceasa/ES – Vitória, o incremento foi de 54,25%; e na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro, a alta alcançou 40,86%, entre outros exemplos.

Os três últimos meses de 2025 foram marcados por elevada oferta de tomate nas Ceasas, atingindo os maiores níveis de comercialização do ano. Em janeiro, o ciclo da oferta pareceu se repetir: a redução das áreas com frutos em ponto de colheita resultou em menor volume comercializado na maioria das Ceasas, pressionando os preços para cima.

A oferta total recuou 7,1%, sendo a diminuição nos envios de Minas Gerais (-39,1%) o principal fator para essa retração. O estado respondeu por 16% da oferta, enquanto Goiás também contribuiu com 16% e São Paulo com quase 40%, destacando-se como os três maiores fornecedores. Entre os destaques, a microrregião de Capão Bonito/SP participou com 20% do total comercializado nas Ceasas analisadas, evidenciando sua relevância na oferta nacional.

Gráfico 10 — Preços médios (R\$/Kg) do tomate nos entrepostos selecionados.

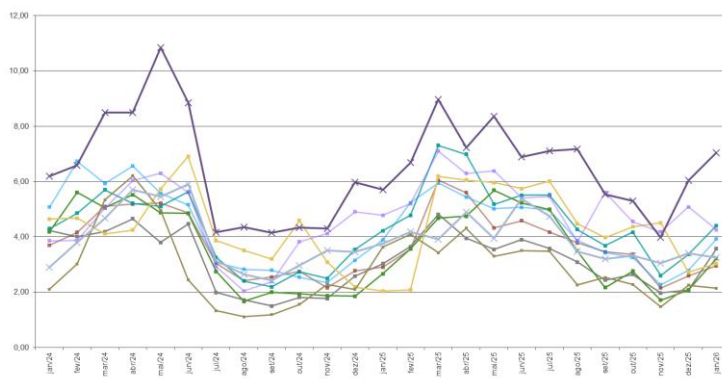


Gráfico 11 — Quantidade de tomate comercializado no comparativo entre janeiro de 2025, dezembro de 2025 e janeiro de 2026.

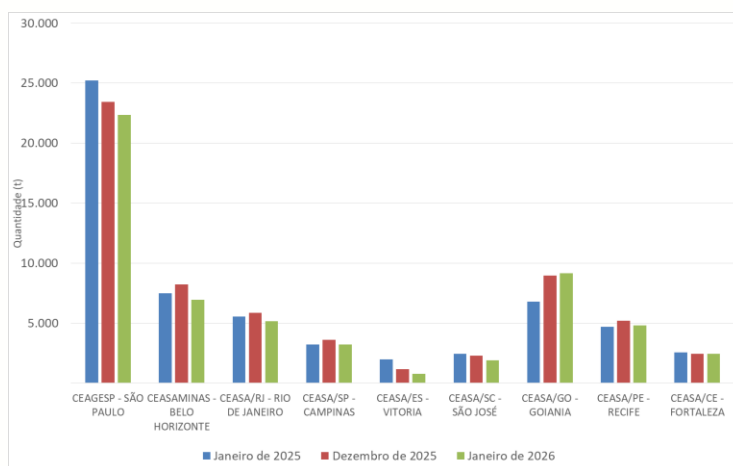


Figura 5 — Principais microrregiões do país que forneceram tomate em janeiro de 2026.

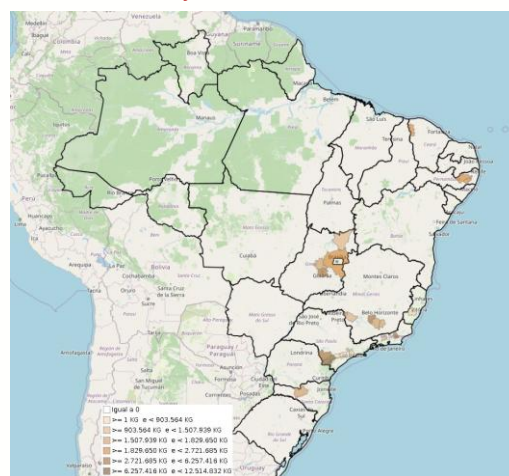


Tabela 5 — Quantidade ofertada de tomate por unidade de federação, janeiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SP	20.680.664
GO	9.532.043
MG	9.478.359
PE	4.657.155
SC	3.413.802
RJ	3.402.802
CE	2.331.550
ES	2.128.488
BA	585.736
PR	481.497
RS	92.083
PB	61.149
AL	24.525
MS	9.900
MA	180
Soma	56.879.933

Microrregião	Quantidade Kg
CAPÃO BONITO-SP	12.514.831
ITAPEVA-SP	3.741.914
GOIÂNIA-GO	3.695.159
NOVA FRIBURGO-RJ	2.778.996
OLIVEIRA-MG	2.721.685
ENTORNO DE BRASÍLIA-GO	2.682.416
BREJO PERNAMBUCANO-PE	2.308.652
VALE DO IPOJUCA-PE	2.280.871
IBIAPABA-CE	1.829.650
ANÁPOLIS-GO	1.706.296
BARBACENA-MG	1.615.054
JOAÇABA-SC	1.513.948
SÃO JOÃO DEL REI-MG	1.507.939
CHAPADA DOS VEADEIROS-GO	1.115.488
PASSOS-MG	949.446
VASSOURAS-RJ	948.704
OSASCO-SP	903.564
PIEDADE-SP	897.565
AFONSO CLÁUDIO-ES	796.510
SÃO PAULO-SP	784.604

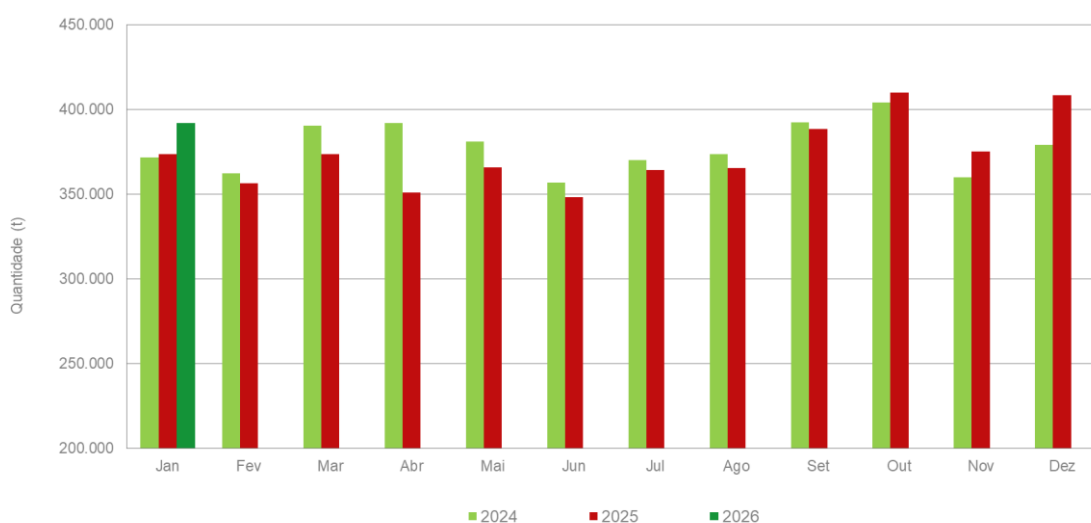
No que se refere às principais microrregiões produtoras, mais de 69% da produção em janeiro/2026 foi concentrada em São Paulo, Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

No início de fevereiro, os preços do tomate registraram queda na maioria das Ceasas. O calor intenso acelerou a maturação dos frutos, aumentando a oferta, o que obrigou os produtores a direcionarem rapidamente o produto ao mercado para evitarem perdas. A safra de verão, que está em seu auge, abasteceu os mercados de forma consistente. Entre os destaques, a Ceasaminas – Belo Horizonte registrou queda expressiva de 35% no preço, enquanto na capital paulista a redução foi de aproximadamente 10%.

No mês de janeiro de 2026, o segmento das frutas comercializadas nas Ceasas apresentou queda de 4% em relação ao mês anterior e alta de 4,9% em relação ao mesmo mês de 2025. Em relação a janeiro de 2024, ocorreu alta de 5,1%. O resultado satisfatório ocorreu devido à maior oferta de frutas como o mamão e a banana, em destaque para a banana nanica, com maior produção no início do ano.

Em termos de volume comercializado, laranja e banana foram as frutas que apresentaram maior oferta, com alta de 10% e 5%, respectivamente, em relação ao mês anterior. A laranja representou, em volume, 16,3% de todas as frutas comercializadas nas Ceasas no mês (não só as cinco principais analisadas nesse boletim). Já a maçã, apresentou queda de 31%, na esteira da finalização dos estoques nas câmaras frias sulistas. O mamão apresentou aumento na oferta devido à maior produção da variedade formosa, decorrente da época e do aumento das temperaturas. Já a melancia, apresentou queda em decorrência da menor produção nas principais regiões produtoras do mês.

Gráfico 12 — Quantidade de frutas comercializadas nas Ceasas em 2024, 2025 e 2026.



Fonte: Conab/Ceasas



BANANA

Em janeiro, o mercado da banana registrou queda nas cotações, com destaque para os entrepostos de Minas Gerais (-17,21%) e do Espírito Santo (-17,46%). Na Bahia, houve variação de 36,43%. Por outro lado, a comercialização apresentou aumento no volume total somado das Ceasas, com ênfase nos avanços observados em São Paulo (16%) e no Rio de Janeiro (29%), em um contexto de demanda regular, típica do período de férias escolares.

O comportamento dos preços e do volume comercializado esteve relacionado, primeiramente, ao acúmulo de banana nanica nas principais regiões produtoras no primeiro decêndio do mês, logo após as festas de fim de ano. Esse cenário elevou a oferta da fruta nos boxes atacadistas.

Na segunda quinzena, embora tenha havido melhora na procura, os preços permaneceram em patamares mais baixos devido à continuidade da elevada oferta da variedade nanica, especialmente proveniente do norte de Santa Catarina e do Vale do Ribeira (SP), na microrregião de Registro. As temperaturas mais altas favoreceram o amadurecimento das frutas e, associadas a chuvas regulares, contribuíram para melhor enchimento e qualidade dos cachos.

Assim, em janeiro, as margens dos produtores de banana nanica foram reduzidas. A expectativa é de leve recuperação após o Carnaval, com a retomada das aulas e o consequente aumento da demanda.

Gráfico 13 — Preços médios (R\$/Kg) da banana nos entrepostos selecionados.

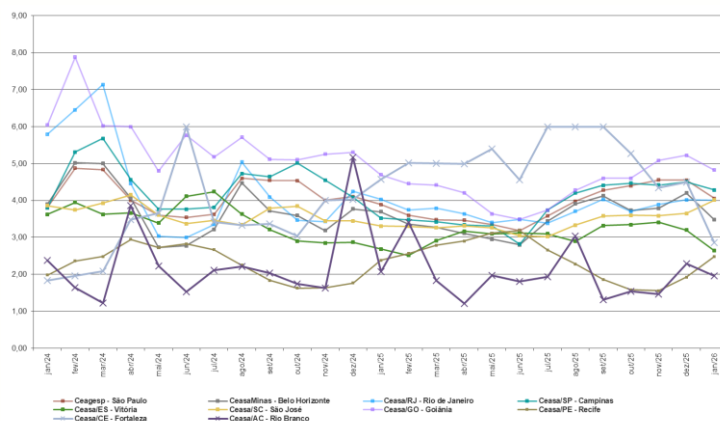


Gráfico 14 — Quantidade de banana comercializada no comparativo entre janeiro de 2025, dezembro de 2025 e janeiro de 2026.

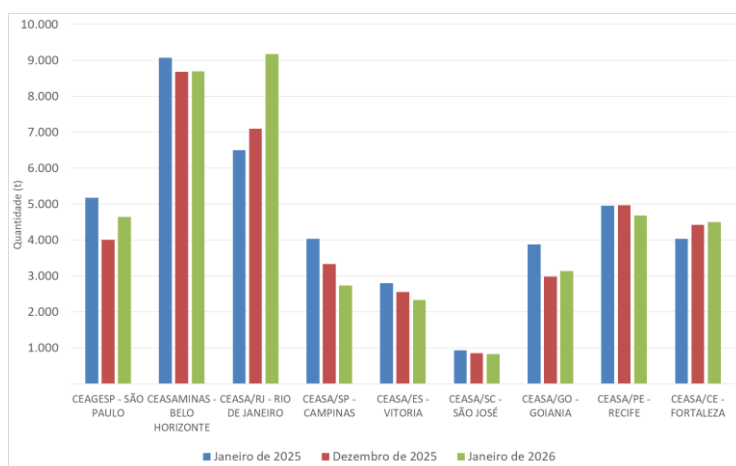


Figura 6 — Principais microrregiões do país que forneceram banana em janeiro de 2026.

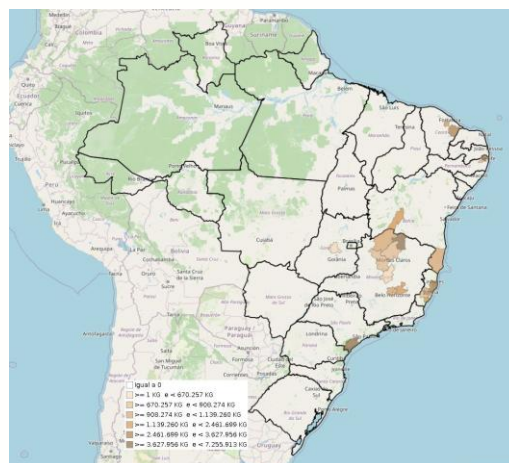


Tabela 6 — Quantidade ofertada de banana para as Ceasas por unidade de federação, janeiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
MG	14.143.009	JANAÚBA-MG	7.255.912
ES	6.095.211	REGISTRO-SP	4.250.649
CE	4.813.254	MATA SETENTRIONAL	
SP	4.746.161	PERNAMBUCANA-PE	2.998.507
PE	4.340.475	LINHARES-ES	2.515.482
BA	3.764.314	BAIXO JAGUARIBE-CE	2.461.699
SC	950.325	BATURITÉ-CE	2.024.550
GO	895.985	BOM JESUS DA LAPA-BA	1.883.900
RJ	473.520	ITABIRA-MG	1.182.012
RN	437.960	GUARAPARI-ES	1.139.260
AC	351.275	SANTA TERESA-ES	1.053.367
PR	52.091	BELO HORIZONTE-MG	965.340
AM	18.950	PORTO SEGURO-BA	951.453
AL	9.810	JANUÁRIA-MG	908.274
RO	6.984	AFONSO CLÁUDIO-ES	906.183
SE	1.300	MÉDIO CAPIBARIBE-PE	806.296
Soma	41.100.624	MONTES CLAROS-MG	749.176
		PIRAPORA-MG	670.257
		ANÁPOLIS-GO	589.050
		VITÓRIA-ES	527.840
		CURVELO-MG	500.512

A banana prata apresentou oferta menor, principalmente do norte mineiro, principal região fornecedora para as Ceasas, mas seus preços não subiram tanto justamente por causa da maior concorrência com a banana nanica, originária das regiões citadas acima e também do próprio norte mineiro. Outras regiões capixabas, cearenses e paulistas também registraram com fornecimento para as Ceasas, notadamente para a variedade nanica.

Em relação à primeira quinzena do mês de fevereiro, os preços caíram no mercado de banana nanica, continuando tendência detectada no mês de janeiro. Já para o mercado de banana prata, as cotações não apresentaram tendência definida. A tendência é que no mercado de banana nanica mantenha a dinâmica de preços baixos no próximo bimestre, e a banana prata, que não está próxima de pico de safra nas principais regiões produtoras, apresente cotações mais elevadas em relação à nanica.



LARANJA

O mercado de laranja, em janeiro, apresentou pequenas variações de preços, com preponderância de queda, e aumento da comercialização. A queda das cotações se fez sentir, com maior intensidade, nos entrepostos de Campinas (-8,74%) e Goiânia (-9,58%), fruto da maior oferta local, com a maior elevação percebida no entreposto catarinense (9,99%), que registrou queda do fornecimento da fruta e demanda menor.

A dinâmica foi desigual por causa das características diferentes dos mercados de mesa: a menor oferta nas Ceasas nordestinas não resultou em aumento de preços por causa da menor demanda, principalmente.

O aumento da oferta em regiões produtoras goianas foi traduzido em relevante queda de preços. Já nos mercados abastecidos pelo cinturão citrícola, houve na prática estabilidade da oferta, traduzido em pequenas quedas de preços, mesmo como registro de demanda regular, principalmente pós-festas de fim de ano, e da boa qualidade das frutas, beneficiadas pelas temperaturas e volume de chuvas adequadas ao desenvolvimento das frutas.

Juntamente a esses fatos, é necessário registrar a proximidade do fim do pico de safra da laranja pera e a demanda industrial estagnada, fruto principalmente da menor demanda europeia.

Gráfico 15: Preços médios (R\$/Kg) da laranja nos entrepostos selecionados.

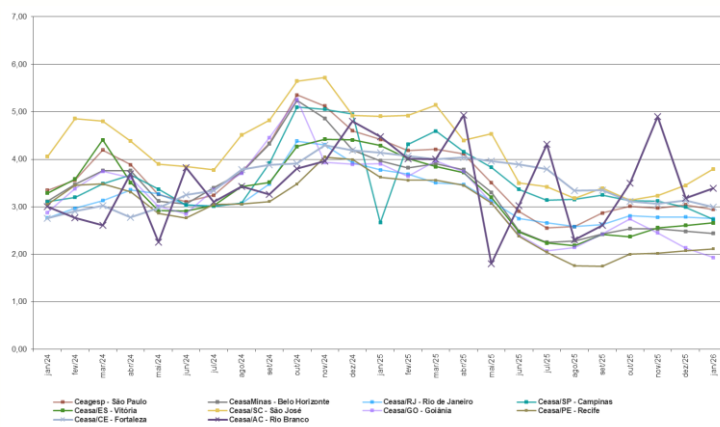


Gráfico 16 — Quantidade de laranja comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre janeiro de 2025, dezembro de 2025 e janeiro de 2026.

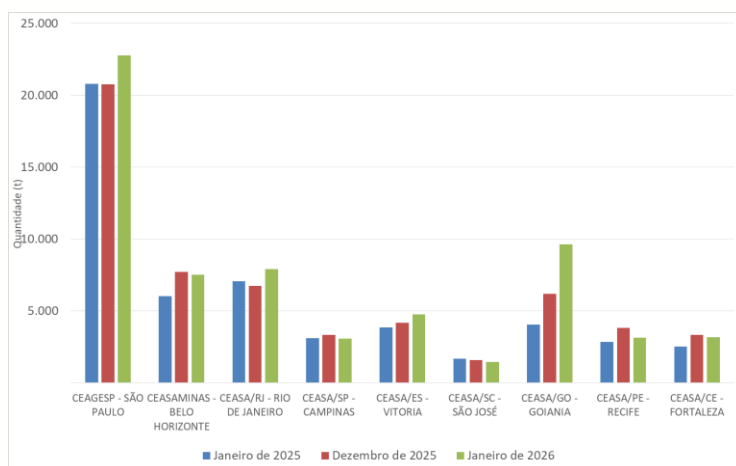


Figura 7 — Principais microrregiões do país que forneceram laranja em jan/eiro 2026.



Tabela 7 — Quantidade ofertada de laranja para as Ceasas por unidade de federação, janeiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
SP	35.921.855	LIMEIRA-SP	11.024.096
GO	10.488.970	GOIÂNIA-GO	9.351.520
SE	5.462.092	BOQUIM-SE	4.878.470
MG	5.450.380	JABOTICABAL-SP	4.527.296
BA	2.962.945	PIRASSUNUNGA-SP	3.247.122
RJ	1.154.931	MOJI MIRIM-SP	3.202.103
NI	1.018.260	ALAGOINHAS-BA	2.727.720
SC	395.732	JALES-SP	2.356.730
AL	275.934	SÃO PAULO-SP	2.170.213
PR	266.661	CAMPINAS-SP	1.876.033
AC	134.640	SÃO JOÃO DA BOA VISTA-SP	1.566.632
ES	27.940	ANDRELÂNDIA-MG	1.383.980
RS	15.610	FERNANDÓPOLIS-SP	1.240.627
PE	9.720	ARARAQUARA-SP	1.178.320
AM	4.400	IMPORTADOS	1.018.260
PA	1.720	RIO DE JANEIRO-RJ	1.017.500
Soma	63.591.790	CATANDUVA-SP	760.794
		ARAXÁ-MG	759.145
		ANÁPOLIS-GO	547.700
		UNAÍ-MG	504.900

Em relação à primeira quinzena do mês de fevereiro os preços, na sua maior parte, permaneceram estáveis, num contexto em que o Fundecitrus reestimou para baixo a safra em SP e MG (-0,7% em relação à estimativa anterior, mas 26,7% superior em relação à safra passada).



MAÇÃ

No mês em questão ocorreram elevações nas cotações, principalmente nos entropostos mineiros (20,59%), capixabas (8,57%) e cearenses (9,6%), em decorrência da queda da comercialização tanto na Região Sul quanto em São Paulo (no mês passado foi a principal região fornecedora, e esse mês apresentou queda de 56%).

A queda de oferta registrada nas Ceasas, a maior parte na casa dos dois dígitos, foi explicada pela finalização dos estoques contidos nas câmaras frias catarinenses e gaúchas, a queda da oferta da maçã eva paranaense e a passagem do pico de oferta paulista, que abasteceu principalmente a central de abastecimento goiana, paulistana e campineira.

O aumento de preços só não foi mais elevado por causa da menor demanda, principalmente no início do mês (período pós-festas), e da concorrência com as frutas de fim de ano (frutas de caroço), mais incisivamente o pêssego, ameixa e nectarina.

Parte dessas frutas é produzida no Brasil e a colheita se inicia justamente no fim do ano, vindo a terminar no início do outro ano.

Gráfico 17 — Preços médios (R\$/Kg) da maçã nos entropostos selecionados.

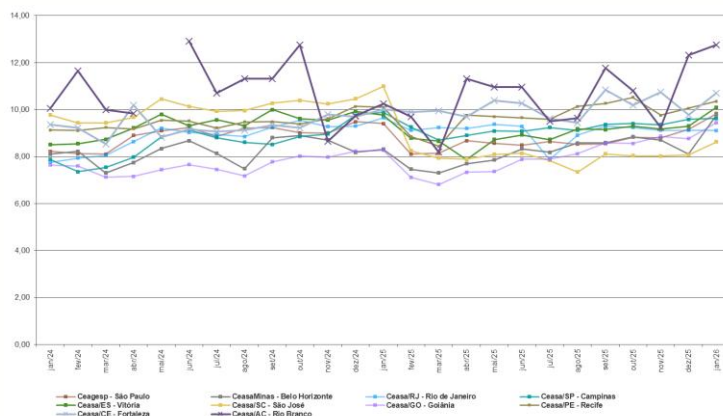


Gráfico 18 — Quantidade de maçã comercializada nos entropostos selecionados, no comparativo entre janeiro de 2025, dezembro de 2025 e janeiro de 2026.

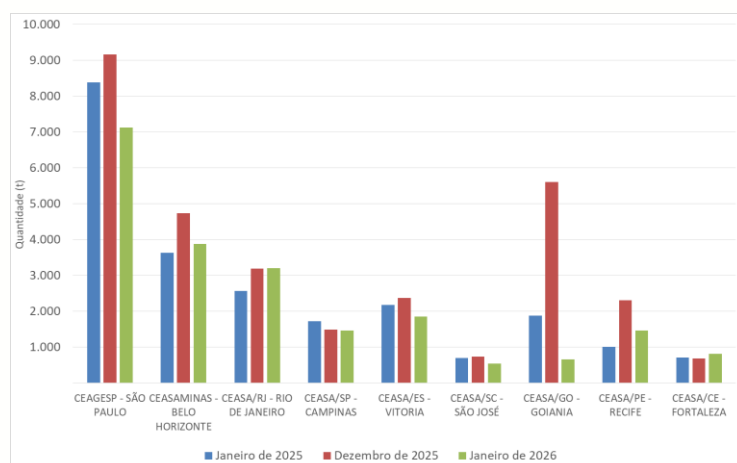


Figura 8— Principais microrregiões do país que forneceram maçã em janeiro 2026.



Tabela 8 — Quantidade ofertada de maçã por unidade de federação, janeiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SC	7.409.136
SP	5.046.642
RS	3.908.424
PR	1.636.083
RJ	729.142
NI	527.346
MG	520.144
PE	515.837
BA	511.971
GO	141.756
PB	34.218
ES	25.000
MS	17.688
Soma	21.023.387

Microrregião	Quantidade Kg
CAMPOS DE LAGES-SC	3.418.439
JOAÇABA-SC	2.561.864
SÃO PAULO-SP	2.556.386
VACARIA-RS	2.076.519
CAXIAS DO SUL-RS	1.447.825
LAPA-PR	1.166.834
RIO DE JANEIRO-RJ	724.682
OSASCO-SP	708.018
CANOINHAS-SC	635.984
IMPORTADOS	527.346
JUAZEIRO-BA	511.971
SUAPE-PE	502.671
CAPÃO BONITO-SP	455.865
FLORIANÓPOLIS-SC	449.233
JUNDIAÍ-SP	438.059
ITAPECERICA DA SERRA-SP	426.186
SÃO MIGUEL DO OESTE-SC	339.808
BARBACENA-MG	314.512
RIO NEGRO-PR	291.260
POUSO ALEGRE-MG	174.036

Em relação à primeira quinzena do mês de fevereiro os preços, na sua maior parte, permaneceram estáveis ou caíram na maior parte das Ceasas, por causa do início da colheita da variedade gala na Região Sul. O tamanho das frutas colhidas foi menor por causa de chuvas insuficientes, que prejudicaram o enchimento das maçãs.

Essa realidade de mercado, num contexto em que a variedade fuji terá a colheita iniciada em março, contribuirá para que os preços permaneçam em menores níveis no primeiro semestre, pois a tendência histórica de preços no mercado de maçã sempre foi colheita nos primeiros meses do ano na Região Sul (que representam mais de 85% das maçãs produzidas no Brasil) implicando em preços baixos nesse período. À medida que os estoques forem consumidos, os preços subirão no segundo semestre, de forma bastante controlada, sem picos extremos.



MAMÃO

BOLETIM

Hortigranjeiro

O mês de janeiro apresentou queda de preços na média, principalmente na Ceasa paulistana (-13,28%), carioca (14,41%) e goiana (20,46%), e aumento da comercialização na maior parte dos entrepostos atacadistas analisados (superior a 20% para o conjunto das praças analisadas), com destaque para as praças paulistana e carioca.

O motivo para esse cenário foi o aumento da oferta, principalmente do mamão papaya originário do norte capixaba e do formosa advindo do sul baiano, principais regiões produtoras.

Essas regiões foram acometidas por bastante calor no decorrer do mês, o que provocou a aceleração do amadurecimento das frutas, e também por chuvas volumosas, que provocaram o aumento da incidência de doenças fúngicas nas plantações e contribuíram para a piora da qualidade.

Além disso, no último decêndio do mês, junto à tradicional queda da demanda (menor poder aquisitivo), chuvas volumosas se abateram com maior intensidade no meio-norte capixaba, prejudicando ainda mais as pulverizações (parte dessas lixiviadas pelas intensas chuvas) e colheita das frutas.

Gráfico 19 — Preços médios (R\$/Kg) do mamão nos entrepostos selecionados.

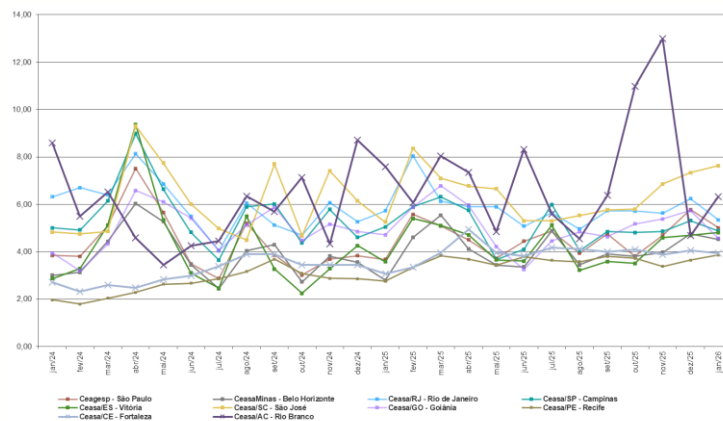


Gráfico 20 — Quantidade de mamão comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre janeiro de 2025, dezembro de 2025 e janeiro de 2026.

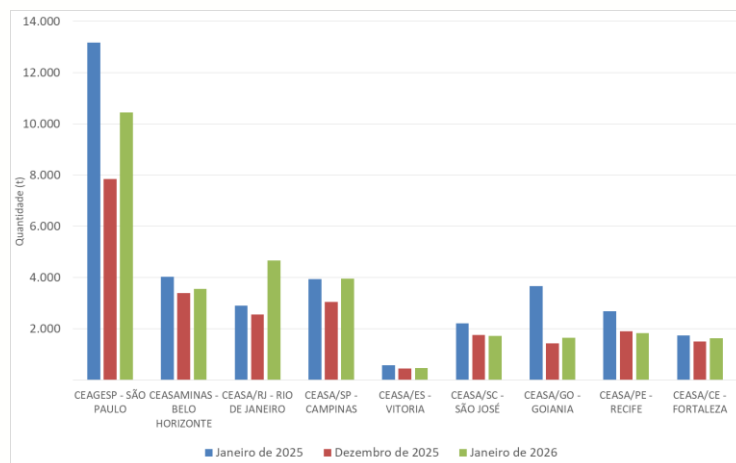


Figura 9 — Principais microrregiões do país que forneceram mamão em janeiro de 2026.

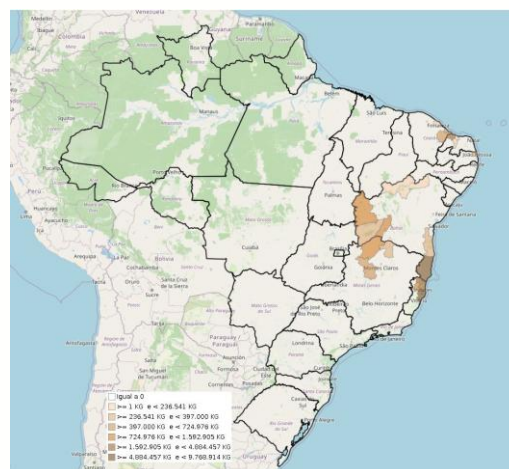


Tabela 9 — Quantidade ofertada de mamão por unidade de federação, janeiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
BA	12.807.712	PORTO SEGURO-BA	9.768.913
ES	10.587.163	LINHARES-ES	6.145.382
RN	2.457.757	MONTANHA-ES	2.440.746
MG	1.563.417	SÃO MATEUS-ES	1.693.710
CE	1.489.410	MOSSORÓ-RN	1.592.905
SP	406.928	BARREIRAS-BA	1.031.860
PB	339.806	BOM JESUS DA LAPA-BA	851.538
GO	183.552	JANUÁRIA-MG	813.875
PE	71.884	NOVA VENÉCIA-ES	724.976
PR	8.400	LITORAL DE ARACATI-CE	537.690
AC	7.466	LITORAL SUL-RN	533.300
DF	6.250	PIRAPORA-MG	460.491
RJ	1.262	BAIXO JAGUARIBE-CE	397.000
Soma	29.931.007	ILHÉUS-ITABUNA-BA	376.448
		SANTA MARIA DA VITÓRIA-BA	367.028
		JANAÚBA-MG	258.980
		LITORAL NORTE-PB	236.541
		FORTALEZA-CE	211.160
		JUAZEIRO-BA	160.540
		VALE DO AÇU-RN	158.528

Em relação à primeira quinzena do mês de fevereiro os preços não tiveram tendência definida tanto para o mamão papaya quanto para o mamão formosa, com a diminuição pontual e lenta da oferta para ambas as variedades junto a uma demanda apenas regular, prenúncio de um mês de fevereiro sem grandes variações nas cotações ou tendências mais marcantes, a não ser pequena altas par a variedade papaya, com menor oferta nesse período.

No entanto, com a normalização das chuvas, a oferta pode aumentar em março, o que significará diminuição das cotações principalmente para o mamão formosa, presente em maior volume nessa época do ano. Isso, juntamente ao aumento dos custos com pulverizações, comprimirá a rentabilidade dos produtores, que deverão ter alívio somente próximo ao meio do ano.



MELANCIA

O movimento nas Centrais de Abastecimento analisadas foi de queda de preços e pequena queda da comercialização. A principal exceção a esse cenário foi o grande aumento da oferta e das cotações no entreposto goiano, com a relevante comercialização de melancias pequenas e das melancias locais, de Uruana (GO), devido principalmente ao grande calor na região.

Já as cotações no entreposto carioca apresentaram significativas desvalorizações, mesmo com a diminuição da oferta, devido às temperaturas mais amenas e da menor demanda.

Em relação ao comportamento geral do mercado, ocorreu queda de 7% na oferta e queda de 30% nas cotações, com peso maior para o entreposto carioca.

Quanto à oferta nacional no mercado, houve redução principalmente devido à queda da safra paulista, ao lento crescimento da safra gaúcha, à oferta estagnada no sul da Bahia e à entressafra em Goiás. Essas foram as principais regiões fornecedoras para as Ceasas durante o mês.

Em relação ao desenvolvimento das safras que abastecerão o mercado nos próximos meses, o plantio da safrinha paulista foi concluído, a safra baiana apresentou um desenvolvimento satisfatório, e a safra gaúcha deverá atingir seu pico de produção entre o final de fevereiro e o mês de março.

Gráfico 21 — Preços médios (R\$/Kg) da melancia nos entrepostos selecionados.

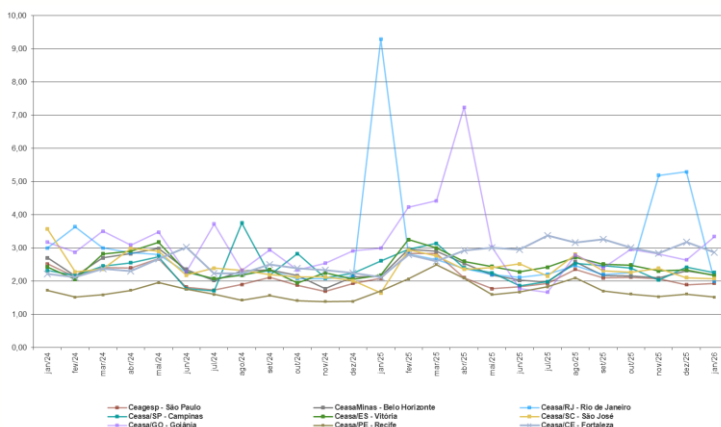


Gráfico 22 — Quantidade de melancia comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre janeiro de 2025, dezembro de 2025 e janeiro de 2026.

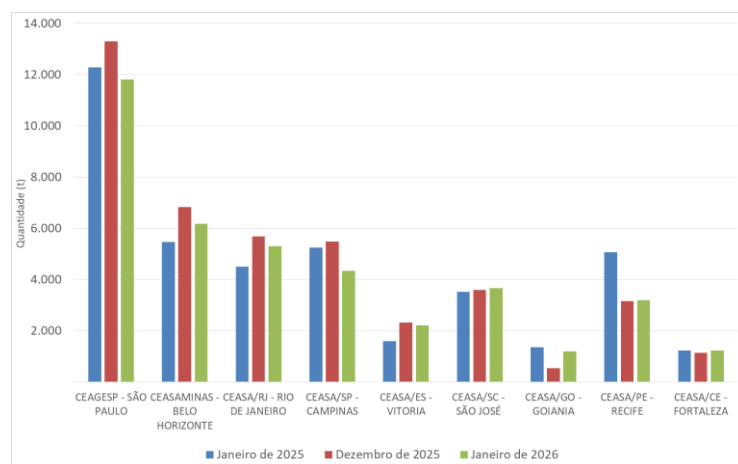


Figura 10 — Principais microrregiões do país que forneceram melancia em janeiro de 2026.



Tabela 10 — Quantidade ofertada de melancia por unidade de federação, janeiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
RS	8.971.344	CERES-GO	6.151.665
BA	8.225.500	PORTO SEGURO-BA	5.838.356
GO	6.455.875	SÃO JERÔNIMO-RS	3.521.397
SP	6.197.626	ITAPARICA-PE	2.977.782
PE	4.015.949	SERRAS DE SUDESTE-RS	2.239.759
SC	1.108.751	PORTO ALEGRE-RS	1.670.568
CE	1.035.231	ALAGOINHAS-BA	1.597.110
RN	1.003.306	PRESIDENTE PRUDENTE-SP	1.219.232
SE	741.900	ARARAQUARA-SP	1.134.950
MG	486.494	MOSSORÓ-RN	852.100
TO	411.886	TUBARÃO-SC	792.220
ES	406.310	PETROLINA-PE	756.837
PR	55.280	AVARÉ-SP	755.310
MS	18.000	TOBIAS BARRETO-SE	741.900
RO	18.000	SÃO PAULO-SP	696.264
AC	6.800	LITORAL DE CAMOCIM E	
RJ	4.825	ACARAÚ-CE	578.000
DF	1.989	TUPÃ-SP	521.610
Soma	39.165.066	JUAZEIRO-BA	502.960
		CACHOEIRA DO SUL-RS	493.500
		CURVELO-MG	407.030

Em relação à primeira quinzena do mês de fevereiro, os preços não tiveram tendência definida, em meio ao ligeiro aumento da oferta gaúcha e da segunda parte da safra baiana. As cotações nas próximas quinzenas dependerão do quão sustentável será o aumento da oferta gaúcha, baiana e paulista, e do balanço da demanda.

As vendas externas, em relação ao mês anterior, foram 25,74% menores, e menores 15,37% em face de dezembro de 2025. A produção brasileira na temporada 2025/26 se mostrou positiva, principalmente das minimelancias potiguares e cearenses. Em janeiro os embarques diminuíram em relação ao mês anterior. Entretanto, continuaram em bons níveis e com alto faturamento.



EXPORTAÇÃO DE FRUTAS E HORTALIÇAS

Em janeiro de 2026, o volume total de frutas enviado ao exterior foi de 98,44 milhões de toneladas, queda de 12% em relação a janeiro de 2025, e o faturamento foi de U\$S 112 milhões (FOB), superior 4,4% em relação ao mesmo mês de 2025. A temporada começou o ano com boas vendas, principalmente para a Europa e Ásia, após baterem recordes em 2025, mesmo com a queda mensal para melões, limões, uvas e melancias, principalmente.

Bananas: houve aumento das exportações, em relação ao mês anterior, de 6,74%, e de 110% em face de janeiro de 2025. Entraves produtivos em países concorrentes e boa produção da variedade nanica contribuíram para explicar esse desempenho.

Laranja: houve queda das exportações de suco, em relação ao mês anterior, de 23,32%, e de 43,73% em face de janeiro de 2025. Isso aconteceu até o momento analisado por causa da menor demanda europeia, fazendo com que as indústrias demandassem menos frutas dos produtores, assim produzindo menos suco. Entretanto, essa demanda do Velho Continente teve pequeno aumento no mês de janeiro, sinalizando boas vendas futuras.

Maçã: As vendas externas em janeiro de 2026, em relação ao mês anterior, foram 23% maiores em relação a janeiro de 2025 e de 15,62% em face de dezembro de 2025. Com o provável aumento da safra 2026/27, o volume exportado deve aumentar, principalmente para países europeus, asiáticos (Índia, Bangladesh) e Rússia. As importações das frutas comercializadas pelas Ceasas caíram 74%, fruto da menor demanda.

Gráfico 23 — Quantidade de banana exportada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026

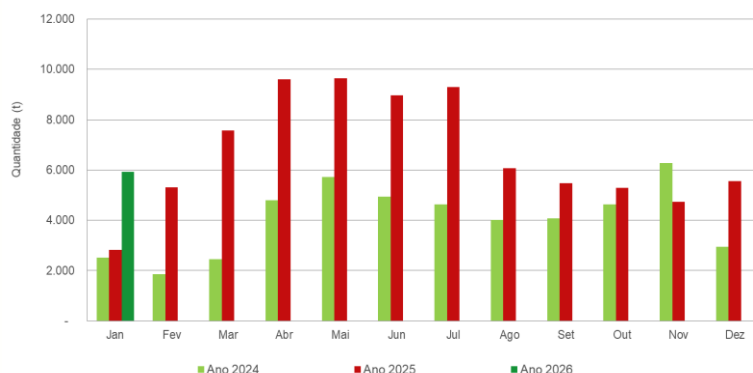


Gráfico 24 — Quantidade de laranja exportada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026

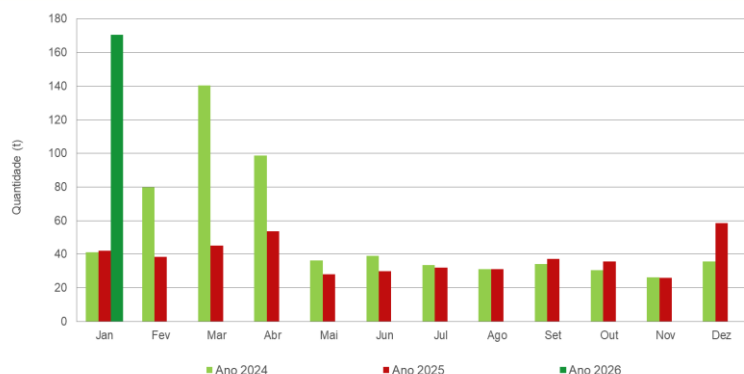
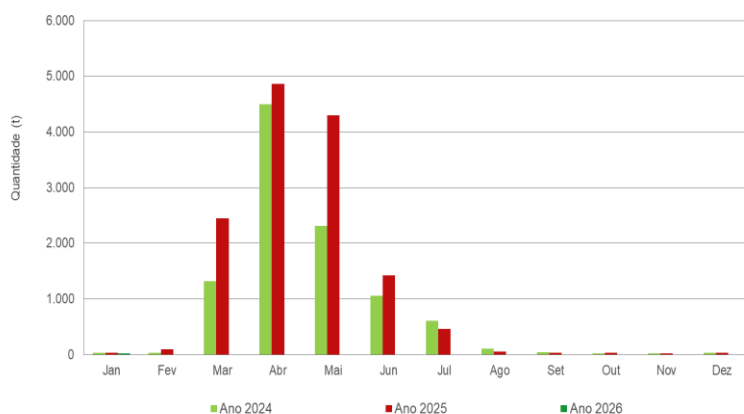


Gráfico 25 — Quantidade de maçã exportada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026



Mamão: As vendas externas em janeiro de 2026, em relação ao mês anterior, foram 4% maiores em relação a janeiro de 2025 e de 6,3% em face de dezembro de 2025. Com a boa produção capixaba e baiana, mas também potiguar e cearense, a tendência é que as exportações aumentem, especialmente para a União Europeia, principal comprador da fruta.

Melancia: As vendas externas, em relação ao mês anterior, foram 25,74% menores, e menores 15,37% em face de dezembro de 2025. A produção brasileira na temporada 2025/26 se mostrou positiva, principalmente das minimelancias potiguares e cearenses. Em janeiro os embarques diminuíram em relação ao mês anterior. Entretanto, continuaram em bons níveis e com alto faturamento.

IMPORTAÇÃO DE HORTALIÇAS

IMPORTAÇÃO DE CEBOLA

Desde julho de 2025, o volume de importações de cebola manteve-se em níveis bastante reduzidos, e janeiro deste ano seguiu o mesmo padrão. Foram importadas apenas 1.684 toneladas, representando queda de 22,5% em relação a dezembro de 2025. Os preços praticados no mercado interno não ofereceram margens atrativas para os importadores. Assim, considerando o volume da oferta nacional e a expectativa de estabilidade nos preços domésticos, as importações tenderam a permanecer nos níveis atuais, pelo menos por enquanto.

Gráfico 26 — Quantidade de mamão exportada pelo Brasil nos anos de 2024, 2025 e 2026

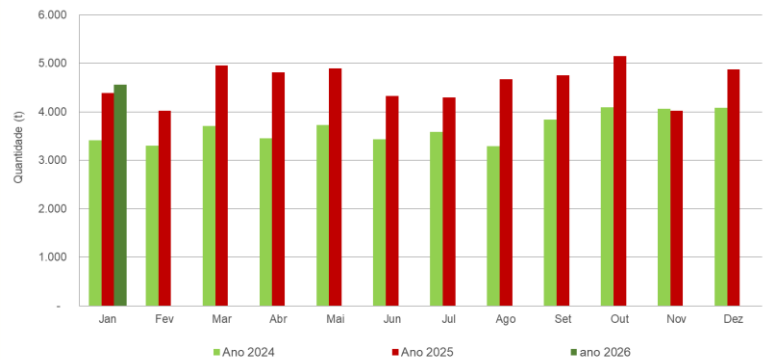


Gráfico 27 — Quantidade de melancia exportada pelo Brasil nos anos de 2024, 2025 e 2026

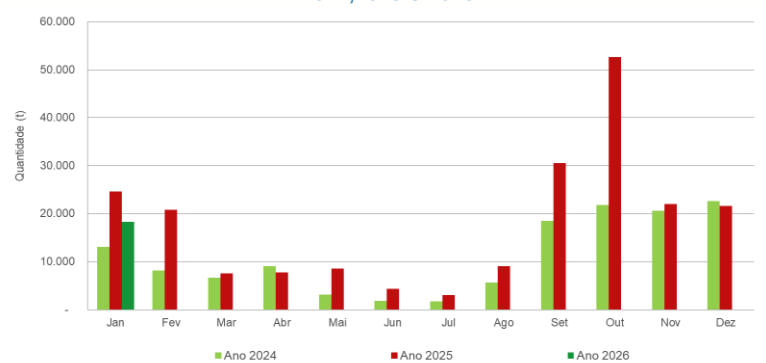
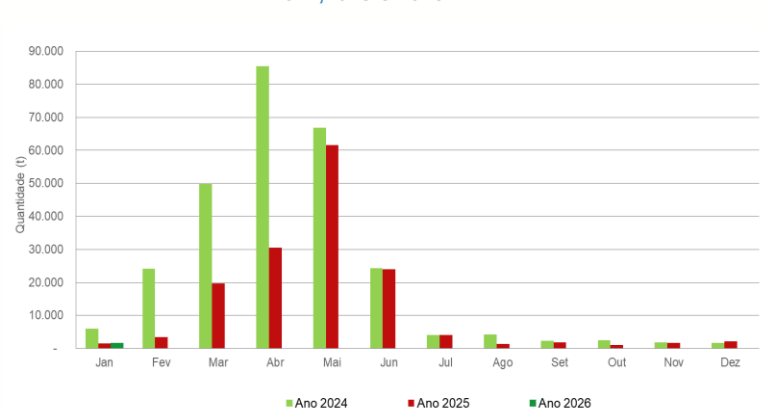


Gráfico 28 — Quantidade de cebola importada pelo Brasil nos anos de 2024, 2025 e 2026





DESTAQUES DAS CENTRAIS DE ABASTECIMENTO

BOLETIM
Hortigranjeiro

CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DA CADEIA DO FRIO EM FRUTAS E HORTALIÇAS NO BRASIL E AS CEASAS COMO INDUTORES DESSE PROCESSO DE CONSERVAÇÃO.

As perdas e desperdícios de alimentos (PDAs) figuram entre os temas mais recorrentes e preocupantes nas diversas mídias e fóruns de debate ao redor do mundo. No Brasil, esse cenário revela um grande paradoxo: ao mesmo tempo em que o país é reconhecido como um dos maiores produtores de alimentos do planeta, também apresenta índices elevados de perdas ao longo da cadeia produtiva. Essa contradição impõe o desafio de desenvolver estratégias eficazes para enfrentar e reduzir um problema de tamanha relevância econômica, social e ambiental. A análise mensal contempla os produtos com maior representatividade nas Centrais de Abastecimento (Ceasas) e maior peso no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA): alface, batata, cebola, cenoura, tomate, banana, laranja, maçã, mamão e melancia.

Outro fator de acentuada preocupação refere-se às implicações sociais do desperdício de alimentos. Embora o Brasil não esteja mais no Mapa da Fome da ONU/FAO, ainda há milhões de brasileiros — e muitas outras pessoas no mundo — em situação de insegurança alimentar. Esse cenário amplia a indignação e reforça a urgência de propostas concretas para eliminar ou, ao menos, atenuar esse quadro preocupante.

Além disso, a inflação de alimentos observada em diversos períodos do ano no país impacta toda a sociedade, impondo restrições orçamentárias a praticamente todas as camadas sociais. Nesse contexto, o desperdício — que contribui para a redução da oferta de alimentos — não pode ser tolerado, dada sua repercussão econômica e social.

A SOLUÇÃO PARA DIMINUIR AS PERDAS E DESPERDÍCIOS PASSA PELA MANUTENÇÃO DA QUALIDADE DOS ALIMENTOS

A refrigeração, empregada ao longo das cadeias de pós-produção (pós-colheita) de frutas e hortaliças, constitui uma das estratégias mais eficazes para a redução de perdas nesses segmentos agrícolas.

No Brasil, sua importância é ainda maior em razão do clima predominantemente tropical, caracterizado por temperaturas médias elevadas. Quando aplicada de forma adequada, a refrigeração não apenas preserva a qualidade dos produtos, como também prolonga seu período de comercialização, permitindo melhor planejamento do momento ideal para oferta, venda e consumo.

A relevância do uso de processos e da manutenção de produtos em ambientes com climatização controlada é evidente, especialmente quando comparada a culturas como soja, milho e outras commodities naturalmente armazenáveis. Diferentemente dessas, frutas e hortaliças permanecem metabolicamente ativas mesmo após a colheita: continuam respirando e amadurecendo. Esse processo resulta em perda de água, avanço da senescência (envelhecimento) e maior suscetibilidade à deterioração, caso não sejam comercializadas e consumidas em tempo adequado. Quanto mais elevada a temperatura, menor é a durabilidade, o frescor e a vida útil desses alimentos.

No entanto, o uso da cadeia do frio integrada, forma de refrigeração mais indicada, que mantém a temperatura ideal de conservação desde a roça até o destino final, é muito pouco usado no país, mesmo quando explícitos os seus benefícios.

A consideração das Ceasas na centralidade das discussões é ponto fulcral para implementação de políticas públicas, que se torna essencial na abordagem das PDA's em nosso país. Na prática, o que define o sucesso para a produção e comercialização das frutas e hortaliças não é somente produzir muito e bem, mas sim conservar, planejar e vender no momento certo!

QUAIS OS PRIMEIROS PASSOS PARA A CONSERVAÇÃO?

Em primeiro lugar, antes de propor uma solução ou investir, temos que saber que mesmo as frutas e as hortaliças têm muitas diferenças entre si, aliás, dentre elas mesmas, existem diversas especificidades relacionadas às suas variedades e cultivares. As soluções, em verdade, podem ser individuais, a depender de cada caso.

Observar prioridades pode ser adequado para orçamentos apertados. Por exemplo: qual o produto mais vendido e de interesse? A Ceasa vai propor uma solução interna, dentro do próprio entreposto ou vai apoiar uma iniciativa de produtores locais e um perímetro produtivo escolhido? Dependendo disso e de outras condicionantes, o direcionamento da solução pode ser mais assertivo.

As características dos itens de comercialização devem ser bem analisadas em qualquer cenário, seja por investimento próprio dos permissionários ou produtores, ou pela Ceasa. A seguir, apresentamos uma tabela de algumas especificidades importantes para a análise, que a equipe da Conab/Prohort preparou após pesquisas entre os produtores e comerciantes que já utilizam a cadeia do frio:

Tabela de temperatura e umidade

PRODUTO	Temperatura Ideal	Umidade Ideal	Vida Aproximada
Tomate maduro	10-12º C	85-90%	10-14 dias
Tomate verde	12-15º C	85-90%	2-3 semanas
Banana verde	13-14º C	90-95%	2-4 semanas
Mamão	10-12º C	90-95%	2 semanas
Cenoura	0-2º C	95-100%	1-3 meses
Folhosas (alface, rúcula, couve)	0-5º C	95-100%	5-10 dias

Estabelecidas as prioridades e as necessidades específicas, outra importante ação deve ser encadeada, que é o cálculo do investimento a ser realizado. Para tanto, o Prohort oferece também algumas projeções, conforme a seguir:

VANTAGENS FINANCEIRAS COM O USO DO FRIO PARA CONSERVAÇÃO: Os valores apontados com relação aos preços de produtos praticados são da unidade da capital do Estado de São Paulo da Ceagesp (ETSP), colhidos em janeiro de 2026, e disponibilizados no sistema de preços Simab/Prohort. Porém, as quantidades comercializadas e sugestões de preços de vendas usando “a cadeia do frio” são apenas projeções possíveis e praticadas em cenários reais de vendas de produtos com maior qualidade, com valores 5% a 10% maiores.

TOMATE

PRODUTO	VOLUME TOTAL (KG)	PERDA ESTIMADA (%)	VENDA LÍQUIDA (KG)	PREÇO MÉDIO PROHORT (R\$)	PREÇO MÉDIO VENDA MELHOR DIA (R\$)	RECEITA TOTAL (R\$)	DIFER. APURADO. (%)
TOMATE S/FRIO	8.000	20%	6.400	2,95	x	18.880,00	x
TOMATE C/FRIO	8.000	10%	7.200	x	3,10	22.320,00	MAIOR 16%

OBSERVAÇÃO: com relação ao tomate, cabe informar algumas especificidades, como a necessidade de venda desse produto em até 48 horas de colhido. Já com o uso do frio, o produtor ou comerciante tem até 10 dias para fazê-lo, melhorando consideravelmente as possibilidades de condições melhores ou favoráveis para a venda. Outro fato muito importante é considerar o planejamento da produção, pois, se colhido no pico da safra, os preços podem despencar.

ALFACE

PRODUTO	VOLUME TOTAL (KG)	PERDA ESTIMADA (%)	VENDA LÍQUIDA (kg)	PREÇO MÉDIO PROHORT (R\$)	PREÇO MÉDIO VENDA MELHOR DIA (R\$)	RECEITA TOTAL (R\$)	DIFER. APURADA (%)
ALFACE S/FRIO	500	30%	350	4,09	x	1.431,00	x
ALFACE C/FRIO	500	08%	460	x	4,60	2.116,00	MAIOR 33%

OBSERVAÇÃO: folhosa fora do frio murcha em 6–12 horas, mercado rejeita e o preço despenca. O cálculo da tabela vale para outras hortaliças folhosas como a Rúcula e a Couve por exemplo, pois são bem similares.

BANANA

PRODUTO	VOLUME TOTAL (KG)	PERDA ESTIMADA (%)	VENDA LÍQUIDA (KG)	PREÇO MÉDIO PROHORT (R\$)	PREÇO MÉDIO VENDA MELHOR DIA (R\$)	RECEITA TOTAL (R\$)	DIFER. APURADA (%)
BANANA S/FRIO	25.000	20%	20.000	4,95	x	99.000	x
BANANA C/FRIO	25.000	08%	23.000	X	5,30	121.900,00	MAIOR 19%

OBSERVAÇÃO: A banana é interessante por ser um produto climatérico, que são os que amadurecem depois de colhidos. No entanto, a cadeia do frio pode contribuir muito para o planejamento, desde o momento de colher até o da comercialização, constituindo melhor qualidade, melhores preços e menores desperdícios.

CUSTOS DO INVESTIMENTO VERSUS RETORNO COMERCIAL

As informações e estudo a seguir foram fornecidas e publicadas pelo CEPEA/Hortifruti Brasil na produção de Maçã. Os valores médios são relativos ao ano de 2025, conforme a publicação em revista especializada da entidade:

custo total: **~R\$ 180 por tonelada armazenada**

equivalente: **≈ R\$ 0,18 por kg de fruta**

representa cerca de **15% do custo de produção**

Na prática:

Para cada R\$ 1,00 de fruta produzida, cerca de R\$ 0,15–0,20 é refrigeração.

Investimento inicial típico (pequeno produtor)

(valores médios Brasil 2025)

ANÁLISE: o que se depreende é que em todos os cenários há vantagens de ofertas de produtos como melhores preços quando utilizadas as vantagens da refrigeração, no entanto, não necessariamente isso representa lucro, existem custos que serão computados para a análise dos custos de produção e/ou de comercialização.

VALE MUITO A PENA	VALE COM MODERAÇÃO	NÃO INVESTIR SOZINHO
• morango • uva • maçã • pera • tomate • folhosas • brócolis • pimentão Esses produtos perdem valor em horas ou dias.	• manga • melão • melancia • banana Ajuda muito na logística e distância, mas o produtor ainda consegue vender sem.	batata cebola abóbora mandioca Pois a durabilidade natural já é alta.

CONCLUSÃO:

Para muitos agricultores e comerciantes de pequeno porte, o investimento na cadeia do frio pode valer a pena, especialmente se eles acessarem mercados que pagam mais por produtos frescos e de qualidade. É essencial fazer uma análise de custo-benefício detalhada e considerar as particularidades do seu negócio, incluindo o perfil de clientes e a logística de distribuição.

O uso da cadeia do frio para alimentos hortigranjeiros, como frutas e hortaliças, envolve uma série de custos e benefícios que podem variar bastante dependendo da região e do tipo de produto. A consideração de outras possibilidades pode atender inicialmente e facilitar o caminho do investimento na cadeia completa do frio, por exemplo, a Embrapa recomenda primeiro até coisas simples (sombreamento, embalagem, manuseio correto) antes de estruturas caras. A imersão, logo após a colheita, em água fria (com gelo ou refrigerada), pode ajudar muito em diversas culturas e retardar os processos de senescência.

Outra situação importante é analisar alternativas de uso conjunto, como as câmaras frias comunitárias (com apoio e parceria das Ceasas, cooperativas ou associações de produtores), packing houses compartilhados ou o armazenamento, também com o apoio da Conab, Ceasas e outros.

ISBN 977-244658604-2



APOIO



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

